LEVANTAMENTO DA INCIDÊNCIA DA ERLIQUIOSE CANINA (*Ehrlichia canis*) NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Ana Laura Moura Rodrigues (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Érica Marusa Pergo Coelho (Orientadora), Mauro Henrique Bueno de Camargo (Coorientador). E-mail: empcoelho@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Agrárias, Umuarama, PR.

Área e Subárea do conhecimento: Ciências Agrárias, Medicina Veterinária - Patologia Animal.

Palavras-chave: *Rhipicephalus sanguineus;* Cães; Hemoparasitose.

RESUMO

A erliquiose canina, é uma doença infecciosa de caráter zoonótico, que vem ganhando destaque pela sua alta incidência no Brasil, devido ao clima tropical e subtropical, facilitando a sua disseminação e sendo favorável para o desenvolvimento do ciclo de vida do parasito. Ela é transmitida pelo carrapato marrom, *Rhipicephalus sanguineus*, que possui a capacidade de inocular a bactéria do gênero *Ehrlichia*, em seu hospedeiro vertebrado no repasto sanguíneo. Esse estudo teve como objetivo, analisar e organizar a incidência da erliquiose canina em Umuarama-PR, em animais atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá (UEM), entre janeiro e julho de 2026, considerando a idade, raça dos cães e comorbidades, registrados nos seus prontuários. Assim, foi possível observar que de 665 cães, 193 foram positivos para a Erliquiose canina, a maioria sem raça definida, com idade entre dois e dez anos, e que 150 apresentaram diagnóstico de erliquiose com uma comorbidade, sendo que a maior incidência registrada foi em cães adultos e sem raça definida.

INTRODUÇÃO

As hemoparasitoses vêm ganhando cada vez mais destaque na rotina clínica de pequenos animais. Dessas doenças, podemos alarmar que a erliquiose canina, uma doença infecciosa de caráter zoonótica, se destaca pela sua alta incidência no Brasil, devido a sua fácil disseminação e a inexistência de vacina disponível (CAETANO, 2023).

A erliquiose canina, também conhecida como Erliquiose Monocítica Canina (EMC) ou popularmente chamada de “Doença do Carrapato”, é causada por bactérias gram-negativas intracelulares obrigatórias, do gênero *Ehrlichia*, sendo a *Ehrlichia canis* a espécie de maior predominância no Brasil. Acomete principalmente os cães, mas pode afetar tanto animais domésticos, quanto selvagens e seres humanos (CAETANO, 2023). É considerada uma das principais doenças transmitidas por vetores, sendo o mais comum o *Rhipicephalus sanguineus* (VIDAL et al, 2024). O

vetor tem capacidade de transmitir a bactéria ao hospedeiro no momento do repasto sanguíneo, devido ao seu ciclo de vida ser trioxeno, tendo a sua disseminação facilitada (VIDAL et al, 2024).

O hospedeiro vertebrado, pode ser predisposto a doença do carrapato por alguns fatores, sendo eles a idade, contato com outros cães, moradia em área urbana ou rural, histórico de ectoparasiticidas e de infestação (ARAÚJO, 2023).

O diagnóstico da doença, consiste na associação da anamnese, histórico clínico do animal, exame físico, presença ou não de ectoparasitoses, sintomatologia e exames complementares, como laboratoriais e testes rápidos (CAETANO, 2023). Os exames mais requisitados são o Esfregaço Sanguíneo, a Reação de imunofluorescência indireta (RIFI), Testes sorológicos, e a Reação em Cadeia da Polimerase (SILVA, 2024).

As medidas de controle e prevenção da EMC, dividem-se em três práticas: a mudança hábitos do hospedeiro, controle do vetor e o rastreamento de cães viajantes, aonde animais que vem de áreas endêmicas a doença, devem ser testados antes de entrar em outras regiões não endêmicas (ARAÚJO, 2023). Ainda, CAETANO et al. (2023), afirmam que o uso contínuo de coleiras carrapaticidas ou repelentes, bem como medicamentos sistêmicos preventivos, e o controle do ambiente são intervenções primárias obrigatórias para reduzir a casuística da doença.

Esse estudo objetivou analisar e organizar a incidência da erliquiose canina registrada nos prontuários de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Umuarama-PR, entre janeiro e julho de 2026, considerando sua idade, raça, e comorbidades existentes.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado com base nos registros clínicos de pacientes atendidos pelo serviço de clínica médica de pequenos animais da Universidade Estadual de Maringá, em Umuarama-PR, no período de janeiro e julho de 2026. Os registros foram obtidos por meio do sistema de gerenciamento Vetwork®. O acesso aos dados foi autorizado pelo responsável do hospital. A partir desses registros, foram obtidas informações, que possibilitou a organização, filtragem dos dados nesta pesquisa, classificando os animais, de acordo com os exames, em positivos e negativos, e categorizados por idade e raça, e se o resultado positivo da doença foi uma busca principal ou uma comorbidade descoberta nos exames complementares, sem suspeita inicial da enfermidade pelo responsável.

Os exames analisados para a confirmação da enfermidade foram o teste rápido *Ehrlichia* Ac, para a detecção de anticorpos (IgG e IgM) contra a bactéria *Ehrlichia canis, e/ou* o exame do esfregaço sanguíneo, onde nesse último, a visualização da mórula constituía em resultado positivo.

Os dados obtidos foram tratados por estatística descritiva, classificados de acordo com sua frequência, possibilitando sua apresentação de forma objetiva, propiciando melhor visualização dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período entre janeiro e julho de 2026, foram atendidos 665 cães, no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Umuarama-PR, dentre eles, 193 (29%) apresentaram o resultado positivo para erliquiose canina, ressalta-se que o teste utilizado (detecção de anticorpos) não define se há exposição ativa ou se houve exposição prévia. Entre esses resultados, 150 (77,7%) deles a doença foi diagnosticada como uma comorbidade ou encontrada por outra queixa clínica, e 43 (22,3%) animais foram diagnosticados como queixa principal. A idade dos animais também foi avaliada.

Entre os animais positivos para EMC, observou-se 19 cães até 2 anos (filhotes), 110 adultos (entre 2 e 10 anos), e no grupo sênior (acima de 10 anos) foram 38 cães. Em 26 prontuários a idade do animal não estava preenchida. Esse levantamento demonstra que a enfermidade não tem predileção por uma idade específica. Em relação as raças, a maior frequência entre os cães positivados para EMC, foi dos “sem raça definida” (SRD), com 121 animais (62,7%).

Esses dados podem estar relacionados, inicialmente, à maior representatividade dessa raça nos atendimentos clínicos. Além disso, houve resultados elevados nas raças de pequeno porte, se destacando os Shih Tzu, com 29 animais (15,0%). Também foram identificados índices nas raças Pinscher (6,2%), Yorkshire (3,6%), Lhasa Apso (3,1%), Pitbull (1,6%) e Rottweiler (1,0%). Outras raças foram identificadas como o Chow-chow, Teckel, Pit monster, Husky siberiano, Poodle, Golden retriever e Beagle, porém, estes apresentaram menor casuística.

Assim, observa-se que a enfermidade não se restringe a determinadas raças, sendo mais diagnosticada em cães adultos e de raça não definida, como também demonstrou Amorim *et al. (2024)* em seu estudo retrospectivo.

CONCLUSÕES

A incidência observada, em poucos meses analisados, indica a importância da erliquiose para a medicina veterinária e a saúde pública.

O maior diagnóstico foi registrado em cães adultos e sem raça definida.

O monitoramento contínuo, junto com pesquisas e estratégias de prevenção da doença, é imprescindível para diminuir o risco de infecção em humanos e nos animais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação Araucária, por todo o apoio necessário para a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

AMORIM, N. T. S. *et al*. Prevalência de erliquiose canina em Cacoal, Rondônia: estudo retrospectivo de laboratório. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 13, 2024.

ARAÚJO, R; KROLIKOWSKI, G. Prevalência de erliquiose no ano de 2023, no hospital veterinário FAG. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, v. 8, n. 1, p. 137-159, 2025. Disponível em: https://revistas.fag.edu.br/index.php/ABMVFAG/article/view/2195.

CAETANO, I; COSTA, B; JUNIOR, D. Erliquiose monocítica canina: atualidades sobre a doença. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 3198-3218, 2023. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11415.

SILVA, D; MADUREIRA, E. Estudo casuístico de casos de erliquiose canina. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, v. 7, n. 1, p. 238-245, 2024. Disponível em: https://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/ABMVFAG/article/view/2054/1766.

VIDAL, Maria Larissa Bitencourt et al. Erliquiose canina: Desafios atuais e sua prevalência em Manhuaçu-MG. **Pensar Acadêmico**, v. 22, n. 4, p. 397-403, 2024. Disponível em: https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/4298/3301.